

A poética das flores em *Pequenos grandes lábios negros* de Ana dos Santos

La poética de las flores en Pequenos grandes lábios negros de Ana dos Santos

Submetido em: 29/08/2024

Aceito em: 16/11/2024

Cláudia Beatriz Pio Borges¹

Rosane Maria Cardoso²

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a poesia de autoria feminina negra brasileira, através da poética contemporânea de Ana dos Santos, em seu livro *Pequenos grandes lábios negros*. Essa poética vem de um espaço de manifestação periférico, em termos de legitimação de seu fazer, e é uma poesia que surge em saraus e chega na escrita trazendo as escrevivências da autora que, em seus textos, discute o cotidiano da mulher negra, a solidão, o patriarcado e o racismo. O estudo, de cunho bibliográfico, levará em conta as discussões teóricas sobre gênero, decolonialidade e literatura de autoria feminina negra brasileira, com base em Beatriz Nascimento, María Lugones, Tettamanzy, entre outras/os.

Palavras-chave: Poesia; mulher negra; resistência.

Resumen: El presente trabajo se propone analizar la poesía de autoría femenina negra brasileña, a lo largo de la poética contemporánea de Ana dos Santos, en su libro *Pequenos grandes lábios negros*. Esa poética viene de un espacio de manifestación periférico, en términos de legitimación de su hacer y es una poesía que surge en saraus y llega en la escrita trayendo las escrevivencia de la escritora que, en sus textos, nos habla del cotidiano de la mujer negra, la soledad, el patriarcado y el racismo. El estudio, de base bibliográfica, abarca discusiones teóricas sobre género, decolonialidad y literatura de autoría femenina negra brasileña, basada en Beatriz Nascimento, María Lugones, Tettamanzy, entre otras/os.

Palabras-clave: Poesía; mujer negra; resistencia.

Introdução

Neste artigo, que faz parte de dissertação de mestrado, estudaremos a poética de Ana dos Santos, no livro *Pequenos grandes lábios negros*. Sua poesia que fala de dores, lutas de gênero, classe e cor, também fala de flores, coloridas, perfumadas e venenosas.

Ana dos Santos, poeta gaúcha, atuou por algum tempo no centro que se tornou uma referência para a poesia e a identidade negra no Rio Grande do Sul. O *SOPAPO POÉTICO* - Ponto Negro da Poesia – constitui-se de encontros realizados pela ANdC (Associação Negra de Cultura) desde 2012, de março a novembro, sempre na última

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: claudiabborges@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7152953882681557>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2327-4445>.

² Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente na Universidade de Caxias do Sul e na Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: cardoso.rosanem@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2580718280810312>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8471-307X>

terça-feira do mês em Porto Alegre. A exemplo de outros saraus afro-brasileiros, o encontro celebra o protagonismo negro, em uma roda de atuações, reflexões e de convivências afrocentradas. Trata-se do espaço coletivo e seguro, conforme Collins:

Escolas, a mídia impressa e os meios de comunicação, agências governamentais e outras instituições do ramo da informação reproduzem as imagens controladoras da condição de mulher negra. Em resposta, as mulheres negras se utilizam tradicionalmente das redes familiares e das instituições da comunidade negra como espaços para se opor a tais imagens. Por um lado, essas instituições da comunidade negra têm sido de importância vital para o desenvolvimento de estratégias de resistência. (Collins, 2019, p. 284-285)

Tettamanzy *et al* (2016, p. 157) comentam que, no coletivo *Sopapo Poético*, “a poesia negra se afirma como forma de resistência, vindo carregada de um vocabulário próprio e de símbolos usados para reacender uma memória perversamente invisibilizada pelo racismo” como muitos dos saraus periféricos espalhados pelo país, o Sopapo Poético auxilia poetas e escritores a manter sua poesia viva e traz o povo para participar. Os autores acrescentam:

versos sobre a memória da escravidão e o racismo contemporâneo podem ser compatibilizados com a felicidade de estar juntos, expressada em risos, dança e música. No sarau se articula um ciclo temporal largo (da evocação da ancestralidade à projeção do futuro desejado) em âmbitos simbólicos diversos (poesia, música, religião, economia, política). Se a memória dos quilombos ou dos intelectuais da geração anterior é de resistência e dignidade, o Sapinho representa a renovação da esperança. No Sopapo Poético poesia e música negra fazem uma trança com a política identitária. (Tettamanzy *et al*, 2016, p. 176).

Poderia dizer que se trata do aquilombamento necessário para que a mulher negra, junto de outras se encontre, busque por suas iguais, faça resistência, transmita e cultive sua cultura, sua ancestralidade. Como nos diz Nascimento (2006) “Aquilombar-se, contemporaneamente significa assumir uma estratégia de resistência e coletividade, protagonizada pela população negra, contra o poder hegemônico, tendo por base a mobilização política”.

A poesia de Ana dos Santos surgiu na voz, concretizou-se nos coletivos e depois passou para as páginas dos livros para ser publicada. São as escrevivências das quais nos fala Conceição Evaristo:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar,

desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. Conceição Evaristo, no depoimento que abre este livro. (Evaristo, 2020, p. 30)

Se a História foi escrita por homens, onde está a História escrita por mulheres?”

Nessa perspectiva, a fala de Santos remete ao pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie

Todas as histórias me fazem quem sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos, não é que eles sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. (Adichie, 2009, p. 8)

A pesquisadora Rita Schimidt (1997, p. 291) arremata: “Numa sociedade de violenta separação de esferas do público e do privado, da natureza e da cultura, do masculino e do feminino em termos de identidade e papel, não poderíamos esperar que os críticos escrevessem o outro lado da história”.

Estas mulheres demonstram potência na escrita e também na voz, pois usam-na para levar a poesia nos encontros que participam, nas divulgações em saraus, slams e mesmo nas redes sociais, principalmente no Instagram, trago aqui divulgação feita no Instagram de Ana dos Santos (Figura 1)

Figura 1: Instagram Ana dos Santos



Fonte: *Print* do Instagram da autora, Ana dos Santos
<https://www.instagram.com/ana.flordolacio?igsh=MWZxa3hiNm9wdW5r>

Neste artigo, veremos a temática da escrita de Ana dos Santos que aborda a solidão da mulher negra, a ancestralidade, o racismo, o sexismo e a luta de classes. Iremos apresentar a poeta e o livro pesquisado na sequência. As flores estão presentes nas três partes do livro no qual a autora trabalha a poesia erótica, a metapoesia e a poesia da escrivência da mulher negra.

Ana dos Santos: escrever é ocupar vazios

Ana dos Santos, além de poeta, é professora de Literatura Brasileira. Tem quatro livros publicados: *Flor* (2009), *Poerotisa* (2019), *Pequenos grandes lábios negros* (2021) e *Maiúscula* (2024) e participou de diversas coletâneas, inclusive do Pretessência, obra colaborativa do Sopapo Poético. Além de participar de coletâneas. É Acadêmica de Letras do Brasil/Rio Grande do Sul na cadeira 100 com a patrona Lélia Gonzalez.

A autora nos brinda com o livro *Pequenos grandes lábios negros* publicado pela coleção do Mulherio das Letras³, o que corrobora a importância dos coletivos na vida das mulheres escritoras, de acordo com a própria autora:

³ Mulherio das Letras é um coletivo de autoras brasileiras "um movimento de mulheres empenhadas na valorização e na visibilidade das literaturas de autoria feminina, nascido do desejo de ampliar e intensificar conversas entre escritoras, sem a intermediação de «curador que nos [lhes] imponha tema», «sem «mesa» com estrelas e cachê», «sem monopólio de microfone», e, sobretudo, onde as escritoras não fossem representadas pela «costumeira «cota»», mas que insistissem na «maioria absoluta»,

O movimento surgido em 2017 em João Pessoa - PB atende ao propósito de promover a escrita de autoria feminina, a partir de uma rede de apoio e produção composta por mulheres. Rapidamente, a iniciativa ganha o país: o Mulherio é hoje um coletivo nacional, que promove a inserção de autores de várias regiões brasileiras, fugindo ao eixo restrito Rio-São Paulo, com forte representação no exterior. Somos professoras, atuando na educação básica e na universidade, pesquisadoras, empresárias, chefs de cozinha, ecólogas, artistas plásticas, produtoras e ativistas culturais, mas somos, sobretudo, escritoras - profissionais da palavra, na querência de estabelecer nossas vozes no mercado editorial brasileiro. Mulherio das letras 2020 (Santos, 2020, p. 8)

O livro aqui pesquisado está dividido em 3 partes: *Poeróticos*, *Língua* e *Poenegros*. É publicado por uma pequena editora Vianas Abiertas e divulgado pela internet, principalmente, visto que foi lançado em meio à pandemia da Covid 19. *Pegrandes lábios negros negros* é provocação, é denúncia, é revolta. É a mulher, sendo representada através das palavras; seus desejos, suas descobertas, o ser mulher no mundo, o ser mulher negra no Brasil. É a representatividade negra sendo comemorada junto à denúncia da exploração do povo diaspórico. Essa mulher que muitas vezes sofreu apagamento histórico, hoje ocupa o espaço literário e cultural mostrando a importância da representatividade negra no Brasil.

***Poeróticos*: gozando cada palavra**

Começo a apresentação do livro com os *Poeróticos*, parte inicial da obra. A autora, que já trabalhou o tema do erotismo em *Poerotisa*, em 2019, alicerça o livro *Pequenos grandes lábios negros* com poemas eróticos, mote que muitas vezes é tabu, sobretudo na escrita de mulheres. No caso específico das mulheres negras, o erotismo torna-se, na voz de escritoras também negras, uma urgência de reescrita, tendo em vista que os corpos femininos negros foram sexualizados à exaustão, tanto na realidade marcada pela escravização quando as escravizadas estavam à mercê de seus senhores quanto no imaginário coletivo, como imagem de exportação turística do Brasil, no carnaval, no mito da “mulatice”. Santiago (2020) analisa o erotismo na literatura de autoria feminina negra:

Mulheres negras, nesse ínterim, reivindicam a notoriedade de seus corpos, ancestralidades, idiosincrasias e potencialidades. Buscam o

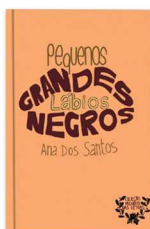
investidas do poder de decidir e levar adiante coletivamente os projetos ali propostos”. (Zolin, 2014, p. 58-59)

seu direito à fala e à existência, exibindo-se falantes em processos de empoderamento de seus corpos e detentoras de discursos e saberes apropriados para se libertarem da dóxa masculina. Com traços emancipatórios, em diversos segmentos socioculturais, elas encenam os seus corpos imbuídos de práticas de narratividades e assenhoreamento de si, bem como de desejos de protagonismos sociais, políticos, profissionais, e também afetivos e sexuais. Donas dos seus corpos, mulheres negras buscam direitos e conhecimentos dos seus corpos e protagonismos nas relações sociais, profissionais, familiares, amorosas, de afeto e sexuais. Dessilenciam seus corpos, atribuindo-lhes vozes e discursos, embora ainda continuem submetidos aos territórios, modos e dispositivos que favorecem ao seu ensurdecimento. (Santiago, 2020, p. 116-117)

Essa libertação é também sexual, diferente dos poemas eróticos femininos escritos por mulheres que buscam a libertação pela poesia, visto que a autora negra pretende a libertação sexual e do estereótipo de mulher submissa; essa mulher é dona do seu prazer, do seu corpo para fazer o que quiser.

Retomando *Pequenos grandes lábios negros* e a questão do erotismo que conduz os versos, na construção do título na capa (Figura 2) vemos performado, justamente, lábios em cor marrom, o que denota que a poeta acena para o erotismo presente em sua poesia. É preciso dizer, contudo, que essa referência pode ser lida a partir de outro pressuposto, isto é, o fato de a imagem também indicar características atinentes à boca de uma mulher negra, com seus lábios grossos. Essa feição, ao longo da história do povo negro, muitas vezes foi motivo para manifestações racistas. Contemporaneamente, assim como ocorre com o cabelo crespo, os lábios de mulheres negras, ressaltados com contornos e maquiagem adequada, podem ser vistos como um ato político (Nós negros, 2022).

Figura 2: Capa do Livro



Capa do livro *Pequenos grandes lábios negros*, Ana dos Santos

Na poesia de Ana dos Santos, a eu-lírica é a responsável pelo seu prazer, sem

RE-UNIR, v. 11, n. 2. p. 348-364. 2024. ISSN – 2594-4916

intermediário, sem convenções. Contudo, o erotismo, em Santos, também se mescla à solidão que permeia os versos sempre curtos e, em certa medida, impetuosos: “Vou gozar cada palavra/que não me deixa gozar” (p. 24). A eu-lírica sonha com a paixão, com o êxtase, mas não se perde em devaneios que a impeçam de escolher se quer ou não companhia: “Ele vai dormir sem seu gemido” (p. 26). Ela é a mulher que sente desejo e não se culpa por isso sua vontade própria de se apaixonar na primavera e de que as “poesias florescem em mim” (p. 26), diz e com mais suavidade, termina essa parte para ir à língua, segunda parte do livro.

A mulher passa a ser a dona do seu corpo, não dependendo de ninguém, nem mesmo para ser amada, sua sexualidade é só sua, mesmo em solidão. O elemento erótico na poesia não é tema desta pesquisa, razão pela qual não avanço na análise desse contexto. No entanto, a expressão da sexualidade da eu-lírica na escrita da poeta está intrinsecamente ligada, sim, ao tema da pesquisa que foca na fala da mulher negra, na manifestação de si, na sexualidade, na liberdade de ser a dona do seu corpo.

Língua: com os verbos, eu existo

Na segunda parte, *Língua*, a metapoesia se faz presente e é a arte que salva a eu-lírica com o poder da palavra. A palavra se torna pulsante e precisa ser escrita, lida, divulgada. Como um ser que cria vida própria, a poesia não pertence mais a quem a escreveu. Ter a palavra é ter o poder:

Palavras

Com as palavras
aprendi a fazer mantras
a desdobrar o tempo
e projetar o espaço
Dou ordens de comando
e desmando certas ordens
Reinvento o passado
e altero o futuro.
Só com palavras.
Com as palavras
dou a luz
com os verbos
atualizo a carne
com os nomes
faço poemas de amor
Tiro leite das pedras
e flores das mãos.
Só com palavras.

(Santos, 2020, p.36)

Entendo que o poema “Palavras” trate do ofício da escritora, que usa da palavra para contar suas histórias, inclusive as que não foram contadas, as esquecidas, as silenciadas: “desdobrar o tempo”. A historiadora é uma escritora que precisa seguir um curso através de provas e documentos, enquanto a poeta pode seguir um curso inesperado. Ao mesmo tempo que esses versos dão poder à poeta, essa poeta expressa a sua escrevivência, sua luta, seu modo de ver o mundo, de ser e estar nele. A mulher, mãe, poeta, trabalhadora, escritora, surge nos versos ali presentes. Sua memória ancestral, sua identidade manifestada em versos.

Essas palavras são a salvação. E a poeta volta ao tema da solidão: “Encontrar um José/ é mais difícil do que se imagina” (p. 35). Fazendo alusão à religião, a mulher espera o príncipe encantado. Ela não é santa, nem princesa. É a mulher que se pergunta por que as outras mulheres aceitam a submissão e o patriarcado que se manifesta, inclusive, entre as próprias mulheres.

Esta mesma mulher que se descobre em facetas, “o buquê de flores/ de espinhos e jasmim” (p. 32), descobre a natureza humana de maldade. O poema traz a denúncia do abandono, das várias formas de transformar um ser humano em lixo. Esse lixo, porém, é reciclável, ou seja, há uma solução para essa humanidade perdida. A solução poderia ser a palavra-poesia, poderia ser também o amor que “ressuscita corpos dos guerrilheiros” (p. 41). A mulher que, mesmo dona de si, e do seu corpo – ou justamente por isso – gesta outro ser e acaba por descobrir-se mãe. Essa mulher se reinventa.

Novamente, o tema da solidão da mulher negra aparece, tema esse, conforme dito anteriormente, que permeia todo o livro de Ana dos Santos. A mulher que foi escravizada, vista como um corpo para o trabalho ou para o prazer, que ficou com os trabalhos menos dignos, acaba só, ou mesmo é abandonada e torna-se mãe e pai de seus filhos, mantenedora da família. E, quando consegue romper com os laços colonialistas, acontece a individualização a qual o capitalismo a joga, conforme explica Beatriz Nascimento:

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente em uma sociedade desse tipo, mais é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência inesperada dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por

rejeitar esses outros homens, pois não aceitará uma proposta de dominação unilateral. (Nascimento, 2019, p. 267)

Trago "Melancolia" que trata dessa solidão como um todo na vida dessa mulher, na escrita, na leitura, não há quem ouça, o silêncio se perpetua. A eu-lírica se vê sozinha na vida, nos seus versos, na sua voz e encontra refúgio nesta solidão.

MELANCOLIA

Sinto saudades do que não vivi
Melancolia nasce com o sol
e me faz uma pergunta:
Por quê?
Melancolia não esquentar os dias frios...
Me espreita com paciência
e deixa o céu com nuvens
encobrir o calor
Pra quê?
Ela me pergunta,
somos íntimas
Nasci melancólica
Nasci sozinha e
me vejo sozinha
em meio à multidão
Prefiro a introspecção
O silêncio
A inação
Melancolia se derrama
nas canções
se espalha pelos versos
que escrevemos sozinhos
Penso, logo insisto,
em pensar mais
e me refúgio
nas estrelas
Para o mundo
que eu quero descer,
nas asas da melancolia
Descer com o pôr do sol
o crepúsculo dos meus dias
para reiniciar
mais um
melancodia.
(Santos, 2020, p. 42-43)

A eu-lírica se vê apagada, magoadas com essa solidão, para o mundo ela não existe Mas ela insiste. Ela sabe da existência do amor-próprio e ele "é concreto!" Não se abala com choro ou abandono. Pois como nos fala Nascimento (2019) essa mulher rejeita a fantasia da submissão amorosa, tornando-se participante e não reproduzindo o comportamento masculino autoritário, assumindo uma postura crítica, "intermediando

sua própria história e seu ethos” (p. 229). Quando a solidão novamente se mostra, é necessário o amor. E “TUDO CURA, TUDO VIRA/LITERATURA” (p. 43), assim mesmo, com letras maiúsculas como um grito de libertação pela literatura, a cura está na poesia.

A flor cheia de espinhos quer ser deixada em paz e com sua voz livre sabe que pode usar as palavras a seu favor. Mais uma vez as palavras estão em maiúsculas no meio dos versos gritando: SONHO, OLHAR, LÁGRIMA, IMAGINAÇÃO, AMOR (p. 47-48). Esse recurso representa o poder da voz nos poemas, o poder de falar mais alto, o poder das palavras e de como são ditas. E o poder de saber usar as palavras. A poesia não a deixa só ela é um “organismo vivo”.

***Poenegros*: cheiro de pólvora**

Os *Poenegros* trazem a denúncia do racismo e do sexismo no país. A flor foi pisada, machucada e “agora fere/ é carnívora e tem veneno” (p. 51). Se, na primeira e na segunda parte, encontramos temas mais universais, como o erotismo, a melancolia, a luta da poeta com as palavras, em *Poenegros*, a realidade sobre ser negro e, principalmente, sobre ser mulher negra no Brasil revela-se em denúncia contundente. Os poemas deixam claro que a bala encontra a pele negra, que existem diferenças sociais no tratamento cotidiano, no acesso ao trabalho. O modo como o racismo se estruturou na nossa sociedade é identificado e denunciado pela poeta:

Olhar calibre 38

Se tem um olhar
que toda pessoa negra sabe reconhecer
é o olhar racista.
Desde criança,
aprendemos que somos diferentes
e que vão nos olhar
de forma diferente.
Só não sabemos o porquê...
O olhar calibre 38
atira para matar.
Eu sinto o cheiro
de racista
de longe...
É cheiro de pólvora!
(Santos, 2020, p. 70)

O cheiro de pólvora paira sobre negros e negras: o olhar, os gestos, a diferença que mata vidas, mata ideias, mata a alma. A eu-lírica sabe que, parafraseando Elza Soares, a carne negra é a mais barata do mercado e vale menos que uma bala de

revólver. Santos ainda destaca a incoerência do ódio unilateral e sem sentido: “só não sabemos o porquê” (p. 70). Essa dúvida torna a luta mais árdua porque o racismo é palpável no olhar, mas não na causa.

Poenegros, contudo, também demarca o enaltecimento o povo diaspórico, o povo que construiu o Brasil, mesmo que uma parcela da sociedade o despreze: “o negro é terra”, e então, a flor que era jasmim, vira “flor pisada, despedaçada” (p. 51) e passa a ferir também e a florescer nos esgotos, nos lugares que a sociedade tenta esconder. Mas a flor continua sendo flor, florescendo, crescendo, multiplicando. A flor simboliza principalmente a mulher negra, invisibilizada, silenciada, mas viva e forte “eu nunca mais vou morrer!” (p. 56). Entretanto, mesmo sendo flor, não é calmaria: “Somos pau pra toda obra/ e somos pauladas nos racistas” (p. 57). A inteligência e a escrita são as armas da eu-lírica. E, sendo brotos, vêm de sementes fortes que florescem no asfalto. A flor é a poesia que floresce como um lindo cabelo *black* resplandecente:

Estamos armados
até os dentes
de argumentos antirracistas
Somos brotos e sementes
que furam o asfalto
e florescem em nossas cabeças
como blacks resplandecentes!
(Santos, 2020, p. 57)

Todas as três partes do livro têm um tema que as atravessa: a solidão da mulher negra. Essa mulher é só para criar os filhos, para sobreviver, para sofrer, para escrever, para amar, já que sobre o amor a eu-lírica diz nada saber.

Ana dos Santos: armada e de braços abertos

O livro aqui estudado foi lançado em 2020. Naquele momento, o mundo estava em meio a pandemia. O nosso país foi envolvido pelo ódio e pelo conservadorismo sem precedentes, graças, acredito, à chancela do governo federal que permitiu que a intolerância “saísse do armário”: pobre, pretos, indígenas e mulheres foram, na ocasião, e continuam sendo, os alvos mais vulneráveis quando o fascismo está em curso. Assim, em meio às perdas provocadas pela pandemia, sucedeu o exacerbamento de políticas excludentes, encabeçadas por uma extrema-direita defensora do escravismo, do extermínio de pobres e da revisão predatória dos direitos dos trabalhadores. O racismo contra negros e indígenas tornou-se evidente e acredito que podemos dizer que tal

situação acabou, ao menos parcialmente, com quaisquer ilusões a respeito da propalada democracia racial brasileira.

Envolta nesse contexto, Ana dos Santos, assim como grande parte dos artistas, sofreu ante a dificuldade de publicar, bem como com as circunstâncias sociais, políticas e econômicas do momento. Um livro lançado também em meio a uma pandemia, no qual a poeta não pode fazer as divulgações normais, não pode estar cara a cara com seus leitores, precisou usar as redes sociais mais do que nunca para a divulgação. Ana participou de *lives*, mesas e, claro, de coletivos. Ana absorve todo o impacto do caos e o apresenta na sua obra sem, contudo, perder a esperança que está na palavra. Um dos poemas de Ana traz esse otimismo de que o amor vence:

Em tempos de ódio
é bom andar amada
e armada
de olhar atento,
de sorriso nos lábios,
de escuta aberta ao outro.
Armada de braços abertos
que abraçam o coração alheio
e desarmar armadilhas e ilusões
É bom estar munida
de raios de luz, de silêncio oportuno
de retirada estratégica e ressignificação
...
Não parece,
mas o amor vem vencendo essa guerra,
(Santos, 2020, p. 40-41)

Apesar da crítica presente à sociedade como tal, prevalece o otimismo, a vontade de vencer o ódio e de ter o amor presente no mundo. O silêncio oportuno é para que as guerreiras se retirem, para planejarem um novo modo de agir. Ainda bem que “o amor vem vencendo essa guerra” e nos lembra que há uma luz no fim do túnel, mas não sem luta. Há que se reinventar a mulher, a mulher negra vem “existindo” e resistindo, é uma luta sem fim, mas o amor vence quando encontramos mais guerrilheiras do amor, mulheres na luta, mais braços dados e muitos momentos catárticos de poesia como os saraus e *slams*. Como os próprios versos da Ana dos Santos nos dizem “Tudo cura, tudo vira literatura”.

A literatura está aí para curar as feridas, para mostrar a arte, a cultura, a existência, a resistência de tantas mulheres, de tantas mulheres negras. Só que essa mulher é flor que cresce no asfalto. Há um poema, nessa parte do livro, que chamou

minha atenção, pois discute os lugares estipulados para a mulher negra na sociedade colonializada que vivemos:

As babás de branco
As babás pretas
cuidam bebês brancos.
As babás de branco
As babás são pretas
e usam uniformes brancos.
As babás de branco
Eu não brinco
com as babás de branco,
a vida delas,
não é brincadeira! (Santos, 2020, p. 71)

O poema traz, em seus versos, um feminismo que não venceu, por tentar ser único, não abarcou todas as mulheres possíveis. Ele deixou que mulheres fossem à rua trabalhar, estudar, como já mencionei no capítulo anterior, para isso outras precisam assumir suas tarefas dentro de casa. O que nos mostra que as conquistas feministas não são iguais para todas. Ana dos Santos transparece sua inconformidade com esse fato em muitos versos do livro pesquisado: o discurso de luta pelos direitos da mulher negra e pela irmandade que precisam formar para vencer o patriarcado, racismo está na sua escrita. A subalternizada já pode falar, ler, escrever e não vai mais calar diante dos absurdos da nossa sociedade.

No poema “Carta para a irmã Malunga” (p. 65), a poeta apresenta essa diferença nos versos: Nós já sabemos ler e escrever/ somos privilegiadas/ Pela cor da pele/irmanada/ Malungas/ insubmissas/ Queremos contar outras histórias”. Podemos perceber que para essas mulheres, já saber ler e escrever é um privilégio. Essa diferença, de saber ler e escrever, também se mostra no como saber se defender, o poema segue:

Queremos nos fortalecer
para quando bater de frente com o
racismo,
saber dar uma rasteira,
um rabo de arraia
ou uma voadora,
dependendo da ocasião...
(Santos, 2020, p. 66)

Percebemos que a palavra “racismo” ficou sozinha e abandonada num único verso, numa única linha, não para que chame a atenção, mas que seja realmente

abandonado, relegado, extinguido. E quando surgir, que não se permita que permaneça. Que as mulheres negras se unam como ela segue pedindo no próprio poema.

“Os homens que não amavam as mulheres” (p. 53) é o ponto forte, na minha opinião, do livro. É o poema que aborda os temas dos quais venho falando: a dor da mulher negra, o valor da ancestralidade, a memória. Fala das tantas mulheres que sofreram e sofrem no sistema sexista, racista, machista no qual vivemos. Fala de aborto, da morte de cada mulher, do sentimento de perda ancestral, do vínculo que se perdeu da sua origem.

Feminicídio, aborto, escravidão, estupro, abuso infantil, são temas do poema e ao final não há um homem no qual se possa confiar. A mulher está só e, na sua solidão, constroi a vida. Com cada morte, com cada sofrimento, a eu-lírico se identifica, como morrendo todas estas vezes. Cada mulher morta é a morte de todas nós. Cada sofrimento é o que nos registra culturalmente como somos e o porquê lutamos.

Figura 3: Ana dos Santos



Fonte: Rede Sina

A poesia de Ana dos Santos revela uma crítica social e política de uma realidade tão brasileira. A vida de homens e mulheres, sua luta diária pela sobrevivência. A história do Brasil, desde o descobrimento a escravidão, até as mazelas dos dias atuais. A memória é cara para o povo, necessária, mas que lembranças esse povo tem, se

apenas uma elite pode contar sua história? Na poesia, a poesia de Santos converge para que essa história seja contada tal como foi e não como um conto de fadas, não houve final feliz para os povos explorados.

A poesia de Ana dos Santos demonstra melancolia e certa desesperança sobre a realidade do mundo e do Brasil o que não a impede de denunciar os crimes cometidos contra o povo negro, contra as mulheres negras, contra pobres, contra indígenas, contra crianças. Diante de tantas atrocidades, como se manter otimista? Sua literatura é emancipatória; fala de amor, mas sabe que o amor não é flor apenas, é também espinho. É a poesia da vida cotidiana, das conversas ouvidas, da experiência vivida, do mundo ao seu redor. Mesmo com toda essa luta, essa mulher que não quer mais ser boazinha, quer mais que os racistas se explodam, cansada do mundo como está, ainda vê espaço para esperança, para o amor. A flor desabrocha e é jasmim.

Ana dos Santos, começa seu livro com os poemas eróticos, iniciando essa escrita, falando do corpo da mulher que sempre foi para o prazer do outro e agora era para o seu, só seu prazer- , para não deixar dúvidas de que essa mulher negra é dona do seu querer; mas também é flor, possui o dom da escrita e sabe o processo. Não vejo nos seus poemas uma preocupação com o que vão pensar da mulher que escreve sobre seus desejos, o mais fascinante na sua literatura é não se importar com o que vão pensar.

A poética da autora está enriquecida com sua criatividade, trazendo para a literatura brasileira a transgressão dos padrões identitários e sexistas e a busca por essa liberdade de gênero, raça e classe. Essa intersecção sofrida pelas mulheres negras não as impede de levar na voz e na escrita: a poesia a todos os cantos, aos saraus, nas bibliotecas, feiras de livros e mesmo na academia, tornando a poesia viva e não apenas presa a uma leitura solitária. Chega de solidão, pois esta eu-lírica não teme o prazer e todo esse combate vem carregado de sensibilidade necessária para se ter poesia, mesmo numa luta escancarada.

Em termos de estudos literários, precisamos de aportes teóricos baseados em epistemologias outras que possam transmutar a poesia de autoria feminina negra brasileira, seja a decolonialidade ou a contracolonialidade, ou outras formas de pensar a literatura para que possamos falar da voz que surgiu antes da escrita e que não recebe o valor devido. Precisamos de um olhar outro que abarque essa literatura periférica brasileira contemporânea.

E a flor que cresceu sozinha, desabrochou, encontrou amores e floresceu no

asfalto, assim é a mulher negra, poeta, mãe, múltipla, interseccionada. Ela precisa resistir para existir e encontrou espaço na voz e na escrita, mesmo que essa não seja, ainda, uma situação amplamente conquistada. Na escrita de Ana dos Santos, o poema se torna um legado de cada mulher queimada na fogueira, cada mulher estuprada, cada menina morta, cada aborto clandestino. Mais ainda, na forma da poesia, o grito se torna uma ode à resistência, um grito pela vida.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Editora Schwarz S.A, 2009.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar Bom Tempo, 2019 (270-310)
- EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Duarte (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (26-46)
- EVARISTO, Conceição. *A escrevivências das mulheres negras reconstrói a história brasileira*. Entrevista concedida à: Morgani Guzzo. Catarinas. Jul de 2021. Disponível em: <https://catarinass.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/> acessado em 11 de maio de 2024.
- LITERATURA; RS. Ana dos Santos. Disponível em: <https://literaturars.com.br/tag/ana-dos-santos/> Acessado em 20 de fev. 2024.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1a ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006 (117-125)
- NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o amor*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. /RATTS, Alex (Org.) *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2021. (264-268)
- NÓS NEGROS. *Como os lábios escuros se tornaram um ato de resistência negra*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2022/03/08/como-os-labios-escuros-se-tornaram-simbolo-de-resistencia-negra.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- SANTIAGO, Ana Rita. *Corpos (in)dóceis e saberes interculturais: mais um desafio à educação*. In: *Narrativas insurgentes: descolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos*.

SANTOS, Ana Paula Freitas dos. *Os contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra*: diáspora, gênero e decolonização. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/225930> Acessado em 8 de jun. 2023.

SANTOS, Ana dos. *Pequenos grandes lábios negros*. Belo Horizonte: Editora Vieras Abiertas, 2020.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Pensar (d)as margens: estará o cânone em estado de sítio?* In; 5o Congresso ABRALIC: cânone e contextos, anais. Rio de Janeiro, ABRALIC, 1997, V.1, p.287-291.

SILVA, Ana Rita Santiago da. *Literatura de autoria feminina negra*: (des)silenciamentos e ressignificações. V. 2, No 1. Vitória da Conquista: Fólio Revista de Letras. Jan/fev de 2010. (19-37)

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. SALOM, Julio Souto. FONTOURA, Pâmela Amaro. *Sopapo Poético*: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. Revista Estudos de literatura contemporânea, no 49. p. 153-181, set/dez, 2016.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Mulherio das letras: escrever, resistir, existir. Abril; 9, 2020, (57-71) Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Abriu/article/view/376296> acesso em 29 jun. 2023.